

A profunda instabilidade e incoerência da política brasileira está retratada, entre outros aspectos, na fragilidade e falta de consistência ideológica dos partidos políticos que, ou são frentes — a exemplo do PMDB e PFL — ou legendas de aluguel, como a maioria das pequenas siglas.

É verdade que em muitos casos os que trocam de partido são mais bem-sucedidos do que aqueles que mantêm coerência partidária. Prova eloquente é o presidente Sarney, ex-presidente do PDS, que, para ser companheiro de chapa de Tancredo Neves, teve de filiar-se ao PMDB, atraindo muitos ex-correligionários pedessistas, alguns dos quais foram recompensados com ministérios e outros postos importantes no Governo.

Os números não mentem: dos 548 parlamentares que compõem o Congresso Nacional, 233 (mais de 40%) trocaram de partido desde o início da legislatura. A mudança de sigla envolveu 196 deputados e 37 senadores.

Esse cômputo inclui a migração maciça de 122 deputados e 21 senadores eleitos pelo PDS para a legenda do PFL. A troca foi feita em nome de uma causa nobre — a substituição do autoritarismo militar por um regime civil — mas é notório que em muitos casos a causa foi apenas pretexto. O objetivo de uma parcela expressiva,

senão da grande maioria, foi mesmo o de continuar usufruindo as benesses do poder.

Do PDS para o PMDB transferiram-se 27 congressistas, alguns dos quais foram expoentes do malufismo, como os senadores baianos Juthay Magalhães e Luiz Viana, o ex-líder pedessista Prisco Viana, Fernando Collor de Melo e o ex-vice-líder da Arena no governo Médici, Nilson Gibson, da fina flor da direita pernambucana.

Originário do "maior partido do ocidente" (a Arena), o PDS viu seus quadros na Câmara reduzidos de 235 para 69 deputados, enquanto a bancada no Senado caiu de 44 para 14 integrantes. Em vários Estados, o PDS foi dizimado. Numa recente reunião da cúpula do PMDB com os dirigentes regionais do partido, o senador Fábio Lucena surpreendeu o auditório com a revelação de que o seu partido havia conseguido reduzir o PDS do Amazonas a um só vereador.

Na realidade, o PDS amazonense, que em 1982 elegeu dois senadores e quatro deputados federais, já não tem mais nenhum representante no Congresso Nacional. O senador Raimundo Parente foi para o PDT, e a senadora Eunice Michiles para o PFL, partido que também acolheu os ex-pedessistas José Fernandes, Josué de Sousa, Ubaldino Meireles e Vivaldo Frota.

Em Pernambuco, o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Marco Maciel, levou para o PFL 11 dos 14 deputados federais que se elegeram pelo PDS, permanecendo nesse partido apenas o deputado João Carlos De Carli. Nilson Gibson e Geraldo Melo foram para o PMDB e Antônio Farias para o Partido Municipalista Brasileiro (PMDB).

Também destróçado ficou o PDS baiano, reduzido, no plano federal, ao deputado Wilson Falcão. Quinze ex-pedessistas foram para o PFL; seis para o PMDB. Antônio Osório e Félix Mendonça optaram pelo PTB e Vasco Neto pelo PSC.

Em Sergipe, terra do ex-presidente do PDS, Augusto Franco, a maior migração foi para o PMDB, que recebeu quatro deputados federais e um senador oriundos dos quadros pedessistas. Motivo simples: o candidato mais forte ao Governo desse Estado é o peemedebista José Carlos Teixeira.

O PDS também ficou praticamente extinto no Espírito Santo e nos territórios do Amapá e Roraima. Nessas unidades da Federação não existe mais nenhum deputado federal nem senador pedessista.

A utilização dos partidos ao sabor das conveniências pessoais, fica ainda mais caracterizada em algumas situações de idas e vindas,

antes e após as eleições. São exemplos típicos os casos do maranhense Wagner Lago, que ano passado deixou o PMDB, passando para o PDT, a fim de candidatar-se à prefeitura de São Luís e depois voltou ao PMDB; do cearense Antônio Moraes, que foi para o PTB, disputar a prefeitura de Fortaleza e também retornou aos quadros peemedebistas; Clemir Ramos, ex-candidato à prefeitura do Rio, que saiu e voltou ao PDT. O paulista Freitas Nobre, que durante cinco anos foi líder do PMDB, marginalizado no seu partido, filiou-se ao PDT para disputar a prefeitura de São Paulo. Preterido também no PDT, Freitas retornou ao PMDB. Igualmente por conveniências político-eleitorais o deputado Sebastião Nery, do Rio, eleito pelo PDT, passou pelo Partido Socialista e agora está no PMDB. Epitácio Cafeteira esteve no PDT e recentemente voltou ao PMDB, para candidatar-se ao Governo do Maranhão.

Como exceção ao quadro geral de troca-troca nos Estados, chama atenção o caso do Rio Grande do Sul, onde nenhum deputado federal mudou de sigla e apenas um senador — Carlos Chiarelli — saiu do PDS para o PFL. Trata-se de um Estado onde já se registram alguns sintomas de degeneração política — como o aumento da corrupção eleitoral e do clientelismo.